

INCERTEZA E RACIONALIDADE NA VISÃO AUSTRIACA E PÓS-KEYNESIANA

Arnaldo Mauerberg Júnior¹

RESUMO

Neste trabalho a idéia chave é mostrar o conceito de racionalidade e de incerteza em duas escolas de economia de cunho heterodoxo, a saber a escola austríaca e a escola pós-keynesiana. Notaremos que ambas as escolas "convergem" para a mesma noção sobre o assunto apesar de discordarem radicalmente em outros temas, como o intervencionismo governamental na economia. Para tanto foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema.

Palavras-Chaves: Racionalidade, incerteza, escola austríaca, escola pós-keynesiana.

1. INTRODUÇÃO

A maioria das escolas *mainstream* na teoria econômica defendem alguma forma de previsão futura por parte dos agentes, podemos notar a adoção da hipótese das expectativas racionais pelos novos-clássicos e novos-keynesianos e também a idéia de expectativas adaptativas muito utilizada pelos monetaristas.

Neste trabalho abordaremos uma visão distinta das já citadas, olharemos para escolas que defendem o conceito de incerteza em relação aos dados futuros. A escola austríaca e a escola pós-keynesiana. Apesar de ambas divergirem quanto ao papel intervencionista do governo na economia, podemos notar que suas idéias sobre incerteza acabam por apresentar um certo grau de convergência.

Para tanto foi feita uma revisão de literatura sobre o tema em questão. A seção dois apresentará ao leitor a visão dos principais austríacos sobre racionalidade dos agentes e incerteza, enquanto na seção três o foco será a escola pós-keynesiana e seus

¹ Mestrando em Economia pela Unesp. E-mail: arnaldomauerberg@hotmail.com.

argumentos em prol da incerteza, na quarta e última seção serão feitas as considerações finais do presente trabalho.

2. INCERTEZA E RACIONALIDADE NA ESCOLA AUSTRIÁCA

Nesta seção apresentaremos a visão sobre incerteza e racionalidade de dois grandes economistas austríacos, Ludwig von Mises e Friedrich August von Haeyk.

Em sua obra *Ação Humana* ([1949] 1995) Mises afirma que toda ação humana é pautada pela racionalidade², logo não podemos chamar de irracionais os atos cometidos por outro homem pois não existe uma escala de padrões de valor sobre este assunto. Os atos cometidos pelos homens não são exatos em todo momento, o homem comete erros, mas antes de comete-los na visão de Mises ele estava fazendo o melhor possível, ou seja, o homem age dentro de seus padrões pessoais sempre tentando acertar. Ele acredita que existem fenômenos incompreensíveis para os homens, o que ele chama de dados irredutíveis, desta forma ao se defrontar com estes dados, qualquer aumento de conhecimento por parte do agente em questão é inútil, diante de dados irredutíveis (entre estes dados o autor cita a razão) o conhecimento se faz nulo ([1949] 1995, p. 91), estas situações não são passíveis de solução. Desta forma notamos que existe um limite ao conhecimento humano.

Nota-se uma certa semelhança entre Mises e Keynes quando o primeiro afirma que é inegável o fato de que a razão é fortemente influenciada pelas emoções ([1949] 1995, p. 92), podemos pensar em uma ponte com a idéia de espíritos animais introduzida por Keynes. Porém Mises acredita que este problema não diz respeito a epistemologia e sim a psicologia.

Ele adota o conceito de incerteza para tomada de decisões por parte dos agentes, assim uma formulação como a idéia de *forward looking* de Robert Lucas não se encaixa aqui. Ele afirma que

se o homem pudesse escolher o futuro, não teria que escolher e, portanto, não agiria. Seria um autômato, reagindo aos estímulos, sem vontade própria ([1949] 1995, p. 106).

² Racionalidade aqui não como a racionalidade das expectativas racionais novo-clássicas, e sim pelo fato de que o homem é um ser racional diferente dos animais, e age sempre com base na razão.

O futuro é incerto, e as ciências naturais não podem prevê-lo, assim como também não podem prever as conseqüências de determinados atos humanos. A impossibilidade de previsão é nítida em duas circunstâncias, uma é quando os fenômenos naturais são desconhecidos, o que é um fato, se não conhecemos o fenômeno que dirá então de fazer previsões sobre este? E existe também a dificuldade de se fazer previsões sobre atos decorrentes da escolha humana.

Mises ataca a inferência probabilística afirmando que relações que envolvem causalidade não podem ser substituídas por uma teoria probabilística que julga probabilidade como se fosse freqüência sempre. Ele apresenta dois tipos de probabilidades, a de classe e a de caso.

A probabilidade de classe é usada nas ciências naturais e nos diz algo sobre uma classe de eventos, mas nada sabemos sobre os eventos que unidos fazem parte desta classe, tiram-se conclusões apenas do todo. Assim assumimos nossa ignorância em relação a eventos individuais. Uma interessante afirmação feita por Mises sobre jogos de sorte é que *é um erro pensar que o cálculo de probabilidades fornece ao jogador informações que possam eliminar ou diminuir seus riscos* ([1949] 1995, p. 109). Neste caso observa-se assim apenas esta correspondência para eventos envolvendo sorte, não acredito que este molde possa ser usado na maioria dos ramos do mercado financeiro, posto que a análise fundamentalista de investimentos se baseia na grande maioria das vezes em estudos com dados concretos.

O autor faz uma crítica velada a matematização, por esta tentar fornecer valores exatos para a ocorrência de um determinado evento.

Os símbolos matemáticos do cálculo de probabilidade refletem essa deficiência de conhecimento. Não aumentam, não aprofundam, nem complementam nosso conhecimento. Apenas expressam-no em linguagem matemática; exprimem em fórmulas algébricas o que já sabíamos de antemão. Não acrescentam nada ao nosso conhecimento acerca de eventos singulares. Tampouco, evidentemente, acrescentam algo ao nosso conhecimento em relação ao comportamento da classe, uma vez que este conhecimento já era total ([1949] 1995, p. 109)

O segundo tipo de probabilidade apresentado por Mises e que também admite a ignorância humana é a probabilidade de caso. A definição é que sabemos alguns fatores que determinarão um evento, mas existem outros fatores que tem a mesma função dos primeiros, só que sobre estes nada sabemos. Como em um jogo esportivo, sabe-se os resultados prévios, mas estes não nos dizem qual será o próximo resultado. Aqui os eventos são únicos, ou seja, não precisamos saber nada sobre o comportamento da classe pois esta simplesmente não existe, a idéia estatística de freqüência não se aplica aqui. A probabilidade de caso exclui qualquer avaliação numérica. Todo estudo deve ter como premissa de que o conhecimento incompleto é um fato.

Mises afirma que a previsão é possível, mas nunca em termos quantitativos. Ele usa o exemplo de que uma queda na demanda de um bem leva a uma queda no preço deste, mas não é possível dizer em que quantidade. Ele diz também que as relações constantes no campo da economia não podem ser negligenciadas como os quantitativistas fazem. Sendo a compreensão a única forma de lidar com a incerteza ([1949] 1995, p. 118).

Portanto para Mises a ação humana é fruto de um comportamento feito de propósito, é a vontade posta em funcionamento, possibilitando assim uma série de derivações lógicas que validam a teoria econômica (Barbieri, 2001, p. 29). O homem age consciente do que está fazendo, mas esta consciência não quer dizer que ele possui um domínio total dos fatos relevantes para sua ação, pelo contrário, com relação ao futuro Mises considera que este é totalmente incerto, e sobre o presente ele também considera eventos fora da compreensão humana utilizando o conceito de probabilidade de caso quando não sabemos a influência de determinados fatos no resultado obtido e de probabilidade de classe, quando não sabemos o comportamento individual, apenas o comportamento do conjunto, em ambos os casos a ignorância humana se faz presente.

Outro grande representante da escola austríaca foi Friedrich August von Hayek. Ele se enquadra em uma linha de pensamento também compartilhada por Adam Smith, John Locke, Bernard Mandeville, David Hume, Josiah Tucker, Adam Ferguson, Edmund Burke, Aléxis de Tocqueville, Lord Acton entre outros, representando uma teoria que olha para os determinantes da vida social do homem. Aqui a abstração e ausência de total conhecimento são conceitos fundamentais, afirmam que somos ignorantes a maioria dos fatos que determinam nossas ações, e que necessitamos da

ajuda de processos que não temos consciência para que possamos atingir a máxima eficácia da razão, contrariando princípios do racionalismo construtivista³ (Hayek, [1946] 1948 e [1973] 1985).

Hayek faz uso de dois conceitos que devem ser um pouco mais explicados para posteriormente apresentar a idéia de complexidade, o primeiro é a idéia de regras. No arcabouço *hayekiano* o termo regra pode ser assumido como uma afirmação pela qual a regularidade do comportamento dos indivíduos pode ser descrito, como regras sociais de convivência por exemplo. As regras nem sempre podem ser plenamente explicáveis. Como explicar por exemplo o fato de uma criança falar um idioma corretamente antes mesmo de entrar na escola ([1963] 1967)? O outro conceito é o de ordem, o agir individual resulta em uma ordem de ações, como por exemplo os diversos movimentos individuais de nosso corpo que resultam em uma ordem, ou a ordem social como um todo. Porém as regras já citadas e a ordem resultante não são a mesma coisa. Podemos observar que regras individuais levam à uma ordem como no caso da marcha de uma tropa, mas nos enganamos em achar que a observação de um determinado evento sempre nos levará ao reconhecimento de uma ordem. Assim, compreendemos ordens que não somos capazes de explicar. Como diz Hayek,

o fato de reconhecermos ordens que não somos capazes de descrever não significa que tal percepção pode servir legitimamente como elemento de explanação científica. (...) Tem que se considerar que é totalmente consistente, (...) negar que este “todo” que é compreendido intuitivamente pelos cientistas pode figurar em suas explanações ([1963] 1967, p. 54-55).

Tendo como base os conceitos de regras e ordem, Hayek apresenta a idéia de sistemas complexos. A complexidade pode ser notada na interação de regras entre vários indivíduos e na ordem que resulta desta interação. Os fenômenos simples são os naturais ou físicos, ou seja, o que pode ser simplesmente formulado, enquanto a complexidade se encontra nos fenômenos sociais, da mente e da vida onde uma formulação precisa é praticamente impossível. Quanto mais difícil for a formulação, maior será o grau de complexidade do fenômeno em questão. As sociedades tem um

³ Que afirma que tudo o que não pode ser deduzido logicamente de premissas explícitas deveria ser desconsiderado, sendo que dedução lógica aqui é a ação racional.

grau de complexidade muito grande porque são compostas por elementos que por si só já são complexos. No campo da complexidade a abstração é um fator chave, pois trata-se da interação de regras de conduta muitas vezes indescritíveis, que podem gerar uma ordem igualmente indescritível. A principal dificuldade em complexidade vem da necessidade de se averiguar todos os dados que determinam uma manifestação do fenômeno estudado. Com relação ao uso da estatística, quando a relação entre as partes é importante para o estudo em questão, a estatística não pode fornecer ajuda, pois não é capaz de captar a interdependência dos elementos, porém ela pode ser de alguma utilidade quando o foco é a complexidade e não os elementos que a formam ([1964] 1967).

Pelo conceito de sistemas complexos já podemos observar que Hayek não era a favor da idéia ou hipótese de onisciência dos agentes. Mas uma outra característica importante na visão *hayekiana* é a questão apresentada por ele em *Economics and Knowledge* de 1937 de como o conhecimento é adquirido e comunicado. Quando Hayek faz uma análise do equilíbrio geral ele afirma que a existência de uma tendência ao equilíbrio deve ser questionada pelo fato de não sabermos as condições sob as quais esta tendência existe e também por nada sabermos sobre a origem do processo onde o conhecimento individual é modificado (1937). A análise *tradicional* do equilíbrio supõe que o conhecimento é simplesmente dado aos agentes de forma uniforme, e é esta suposição que incomoda Hayek, ele questiona a origem e a distribuição do conhecimento.

Em outra obra, *The Use of Knowledge in Society* de 1945 ele apresenta uma forma de conhecimento de tempo e lugar do qual pode-se tirar proveito, seria o conhecimento obtido pela prática de determinada atividade ele afirma que este não é dado aos agentes como supõe a teoria tradicional e insiste na questão de como este conhecimento é originado e distribuído. Trata-se de um conhecimento não mensurável matematicamente. Para ele o problema econômico reside no fato de utilizar um conhecimento que ninguém possui por completo sendo a atenção dirigida para a imperfeição do conhecimento e a necessidade de um mecanismo que permita a aquisição e a transmissão constante do conhecimento (Hayek, 1945).

Na visão de dois grandes expoentes da escola austríaca vimos que os agentes sempre agem de forma racional⁴, porém a incerteza quanto aos eventos futuros é um fato, também destaca-se aqui a idéia de que o conhecimento não é simplesmente dado de forma uniforme a todos os agentes como supõe a teoria tradicional, deve-se estudar a questão da origem e da distribuição do conhecimento, além de uma não onisciência dos agentes na visão de Hayek pelo fato de estarmos lidando com sistemas complexos.

De acordo com Barbieri, a distinção entre Mises e Hayek reside no fato de Mises considerar a ação proposital do homem implicando em derivações lógicas tornando verdadeira a teoria econômica, enquanto Hayek admite que os resultados econômicos não residem de axiomas irrefutáveis, sendo os teoremas não válidos *a priori* variando de acordo com os postulados sobre o conhecimento dos agentes (2001, p. 29).

3. A ÓTICA PÓS-KEYNESIANA SOBRE INCERTEZA

Nesta seção nos voltaremos para a escola pós-keynesiana de pensamento econômico e suas idéias de incerteza fundamental, indo de encontro com várias escolas pertencentes ao *mainstream* econômico. Vale dizer que a visão sobre incerteza entre os pós-keynesianos não é única, havendo divergências entre membros desta linha de pensamento, nosso foco aqui é o ramo do pós-keynesianismo liderado entre outros por Paul Davidson.

A incerteza é um conceito chave para o pensamento pós-keynesiano, na existência de incerteza o cálculo probabilístico é impossível, baseando-se na crença de que nem todos os eventos econômicos são baseados em processos estocásticos⁵ (Davidson, 1988, p. 329).

Nesta concepção, segundo Rotheim (1988, p. 83), a incerteza e não a probabilidade deve caracterizar o ambiente epistemológico.

Segundo Carvalho (1988), as pessoas tomam decisões baseadas em determinadas premissas, diante do fato de que nem todas as premissas são observadas no momento da tomada de decisão, os agentes se sentem estimulados a criar premissas

⁴ Não no sentido cartesiano de racionalidade

⁵ Onde se observa uma série de variáveis aleatórias ordenadas no tempo.

sobre o comportamento alheio. Nota-se que a incerteza é inerente as premissas, sendo então passada por estas aos resultados.

Contra a economia clássica que supõe a existência de um mundo ergódico, ou seja, um mundo onde os agentes maximizam seu consumo intertemporal com pleno conhecimento futuro e informando aos empresários sobre suas decisões de consumo futuro, a teoria apresentada nesta seção defende a existência de um mundo não-ergódico, onde os agentes estão cientes de que nada sabem sobre o futuro, sendo assim suas decisões são baseadas na incerteza. Pode-se descrever um mundo não-ergódico como um onde existe uma “quebra” intertemporal, ou seja, os agentes não conseguem fazer previsões futuras simplesmente porque a transição intertemporal não é suave como em um processo estacionário. Logo, uma característica necessária mas não suficiente para a ergodicidade é a estacionaridade.

Estacionaridade implica que nenhum parâmetro básico do sistema varia de acordo com as datas históricas. Se alguém conceber um processo estocástico subjacente cujas funções de distribuição não são historicamente independentes, e se a taxa de mudança nas funções de distribuição também não são independentes do tempo de calendário, então o mundo é claramente não ergódico (Davidson, 1982-83, p. 187).

Vale dizer que se o mundo é não-ergódico, ou seja, incerto, então as estimativas futuras baseadas em dados do passado possivelmente apresentarão problemas e não serão de utilidade para a tomada de decisões.

Outra característica interessante é a questão de um mundo orgânico no lugar de atômico, ou seja, onde as interações dos indivíduos é relevante, as pessoas passam a adquirir conhecimento graças ao convívio, e este conhecimento deve ser levado em conta na hora da tomada de decisão (Rotheim, 1988). Poderíamos traçar um paralelo aqui com a idéia de conhecimentos de tempo e espaço apresentada por Hayek (1945).

Mais um conceito utilizado para quebrar a existência de um mundo ergódico são as decisões cruciais que podem ser entendidas como situações onde a data de ocorrência do evento é relevante, em economia existem eventos que estão fora do controle estatístico. Carvalho afirma que decisões de investimento apresentam caráter crucial pois são muito complexas e não repetitivas (1988, p. 79). Decisões cruciais impedem a

interpretação ergódica do mundo, pois dizem respeito a uma determinada situação em um determinado tempo, que não pode ser replicada através dos anos.

Um exemplo prático apresentado pelos pós-keynesianos no arcabouço da incerteza pode ser observado no seguinte trecho,

No conceito keynesiano de incerteza, as premissas podem não ser apenas desconhecidas no momento da tomada de decisões como podem ser sempre desconhecidas. No caso de decisões de produção e investimento, os empresários tem que formar expectativas sobre a conduta dos outros empresários e de seus consumidores. Dessa forma é impossível incorporar estas condutas como premissas conhecidas. Incerteza significa o reconhecimento da impossibilidade de lidar logicamente com eventos tão complexos. Nestes casos nenhuma probabilidade numérica pode ser obtida. Mesmo assim decisões devem ser tomadas. Desta forma o empresário “cria” premissas sobre o comportamento dos outros. Incerteza pertence as premissas e passam destas para os resultados (Carvalho, 1988, p. 75-76).

A visão pós-keynesiana faz uma crítica a hipótese das expectativas racionais por esta defender a existência de processos ergódicos na economia. Davidson (1982-83, p. 191) propõe que a validade da hipótese das expectativas racionais só pode ser observada no caso de uma resposta afirmativa para as seguintes questões. Probabilidades objetivas existem? As probabilidades subjetivas estimadas como médias de tempo da evidência passada convergem para as probabilidades objetivas observadas hoje? As probabilidades objetivas correntes são um bom previsor da média dos resultados atuais em datas futuras? Os agentes econômicos acreditam que ambos, os resultados passados e futuros são o resultado de um processo ergódico? Na visão pós-keynesiana obviamente a resposta negativa torna-se a moda para as questões supracitadas.

Notamos portanto que nesta linha de pensamento a incerteza é peça chave para o funcionamento da economia, baseados em conceitos como não-ergodicidade, organicismo e decisões cruciais, os pós-keynesianos fundamentam suas teorias sobre a ausência de total conhecimento por parte dos agentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos no decorrer do trabalho que para a escola austríaca, a incerteza quanto aos eventos futuros é um fato, também vimos que o conhecimento não é simplesmente dado de forma uniforme a todos os agentes como supõe a teoria tradicional. Os austríacos defendem o estudo da origem e da distribuição de conhecimento, além de uma não onisciência dos agentes na visão de Hayek pelo fato de estarmos lidando com sistemas complexos.

Podemos notar que os pós-keynesianos compartilham da crença na incerteza dos agentes, baseados principalmente em sistemas não-ergódicos, onde se observa a importância de características temporais nos eventos em questão.

Por fim, é interessante notar que escolas com propostas tão diferentes, os austríacos extremamente liberais e os pós-keynesianos com uma postura bem mais intervencionista possam partilhar de uma mesma premissa (no caso a incerteza) para chegar a fins tão diferentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, F. **O processo de mercado na escola austríaca moderna**. 188 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CARVALHO, F. J. C. Keynes on probability, uncertainty, and decision making. **Journal of Post Keynesian Economics**, Armonk, v. XI, n. 1, p. 66-81, fall 1988.

DAVIDSON, P. Rational expectations: a fallacious foundation for studying crucial decision-making processes. **Journal of Post Keynesian Economics**, Armonk, v. V, n. 2, p. 182-198, winter 1982-83.

_____. A technical definition of uncertainty and the long-run non-neutrality of money. **Cambridge Journal of Economics**, Oxford, v.12, n.3, p. 329-337, sep. 1988.

_____. **Strong uncertainty and how to cope with it to improve action and capacity.** Trabalho apresentado no Annual Meetings EAEPE 2005 Conference. 2005, 27 p. Disponível em: <http://econ.bus.utk.edu/faculty/davidson/davidson%20bremer%206.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

HAYEK, F. A. von. Economics and knowledge. **Econômica**, London, v. 4, n. 13, p. 33-54, feb. 1937.

_____. The Use of knowledge in society. **American Economic Review**. Nashville, v.35, n.4, p. 519-530, sep. 1945.

_____. Individualism: true and false. In: _____. **Individualism and economic order**. South Bend: Gateway Editions., [1946] 1948. p. 1-32.

_____. Rules, perception and intelligibility. In: _____. **Studies in philosophy, politics and economics**. Chicago: The University of Chicago Press. [1963] 1967. p. 43-65.

_____. The theory of complex phenomena. In: _____. **Studies in philosophy, politics and economics**. Chicago: The University of Chicago Press. [1964] 1967. p. 22-42.

_____. **Direito, legislação e liberdade:** Uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. 1. ed. São Paulo: Visão, [1973] 1985. 174 p.

MISES, L. von. **Ação humana:** um tratado de economia. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, [1949] 1995. 890 p.

ROTHEIM, R. J. Keynes and the language of probability and uncertainty. **Journal of Post Keynesian Economics**, Armonk, v. XI, n. 1, p. 82-99, fall 1988.